

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coord.: José Reis
Um trabalho coletivo do CES



Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra - Alta e Sã
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013



PROGRAMA OPERACIONAL COMPETIÇÃO E INOVAÇÃO



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu
de Desenvolvimento Regional



Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PALAVRAS PARA LÁ DA PANDEMIA: CEM LADOS DE UMA CRISE

Coordenador

José Reis

Editor

Centro de Estudos Sociais
Universidade de Coimbra

Revisão Científica

Ana Cordeiro Santos, António Sousa Ribeiro, Carlos Fortuna, João Rodrigues, José Castro Caldas, José Reis, Pedro Hespanha, Vítor Neves

Revisão Linguística

Ana Sofia Veloso, Alina Timóteo

Design e Paginação

André Queda

Julho, 2020

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto UIDB/50012/2020.

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos/das seus/suas autores/autoras.

ISBN

978-989-8847-25-6

ACADEMIA E ÉTICA DO CUIDADO

Adriana Bebiano

A universidade é ainda imaginada como um lugar de privilégio, onde se está por devoção e amor ao conhecimento. À revelia desta representação, na verdade, obedece a uma lógica de empresa, com clientes, agências financiadoras, patrocinadores, metas de produção e financiamentos. Desde a década de 1990 que este modelo neoliberal de universidade se instalou a um nível global, tendo produzido uma cultura da *performance* rigorosamente vigiada por mecanismos que se autonomizaram, aparentemente sem sujeitos nem agência, e de onde foi rasurada a consideração pelo humano, materializado no corpo singular de cada académico/a, como tem vindo a problematizar Andrew Sparkes. Expressa em *outputs* – palavra sagrada da novilíngua académica – a narrativa do sucesso impera, funcionando como um instrumento de disciplinarização dos corpos, com custos tanto para a saúde e o equilíbrio emocional de cada um/uma de nós, como para o lazer, que deixou de ser um direito. Predomina um discurso moral da valorização do desempenho quantificado por métricas sem sentido, que produz uma cultura da culpa pelo tempo não ocupado de forma “útil” e “produtiva”.

A presente pandemia de COVID-19 tem o potencial de criar uma oportunidade para repensar este paradigma. Confinados, em companhia das pessoas próximas, libertos dos compromissos nos locais de trabalho, aparentemente os/as académicos/as passaram a ter “tempo”: tempo para o cuidado e os afetos; e também tempo para ler, ouvir, pensar, refletir, escrever, criar, isto é, cumprir a função social das universidades na sua origem. Esta é uma

oportunidade única para optar pelo modelo *slow science*, primeiro proposto, em 2010, pelo coletivo Slow Science Academy: um conhecimento sólido, construído na profundidade, num tempo lento e no longo prazo. As primeiras semanas – as de confinamento – não são de molde a criar esperança na realização desta hipótese. O tempo em casa, não pode ser “tempo perdido”: verifica-se uma grande pressão para produzir mais – publicando artigos, realizando inquéritos, ou aparecendo em *webinars* que provam, de forma inequívoca, que os/as académicos/as continuam a ser úteis e a produzir. A *webcam* tornou-se na ferramenta da prova indiscutível de que a academia é produtiva, que merece o seu salário. A narrativa moralista do sucesso transferiu-se para o digital, apresentado como uma libertação quando, de facto, pela sua omnipresença, tende a funcionar como mais um instrumento de opressão que produz “corpos dóceis” – conceito que expressa a atualidade de Foucault.

A alternativa está no combate permanente por *slow science*; pelo direito ao ócio, indispensável para a criatividade; pelo direito ao tempo para o cuidado de si e dos afetos. A alternativa passa por uma ética do cuidado – proposta por Carol Gilligan, na década de 1980 – também no espaço de trabalho, na construção coletiva e solidária do conhecimento; na solidariedade humana, no regresso ao tempo com tempo para ter conversas “inúteis”, para o riso e para o choro – como defende Daphna Hacker –, manifestações humanas expressas na materialidade dos corpos. Só a opção por um tempo lento do conhecimento poderá devolver o humano à academia.